

## A PRESENÇA DO CORPO NA OBRA POÉTICA DE ANNA ŚWIRSZCZYŃSKA

---

PIOTR KILANOWSKI \*

MILENA WOITOVICZ CARDOSO \*\*

### RESUMO

Este ensaio visa apresentar comentários sobre a questão do corpo nos poemas escritos pela autora polonesa Anna Świrszczyńska (1909-1984). Ao longo de seus escritos é possível ver as diferentes facetas da corporalidade, tais como: a externalização do amor, a maternidade e o sentir-se vivo(a). Para tanto são pontuados trechos dos poemas e interpretação baseada em textos críticos sobre a obra da mencionada literata.

PALAVRAS-CHAVE: Anna Świrszczyńska. Poesia polonesa. Corpo.

---

A obra poética de Anna Świrszczyńska (1909-1984) foi publicada nos livros *Wiersze i proza (Poemas e prosa)*, 1936; *Liryki zebrane (Líricas reunidas)*, 1958; *Czarne słowa (As Palavras negras)*, 1967; *Wiatr (O Vento)* – 1970, *Jestem baba<sup>1</sup> (Sou uma mulher)*, 1972; *Budowałam barykadę (Eu construía a barricada)*, 1974; *Szczęśliwa jak psi ogon (Feliz como rabo de cachorro)*, 1978; e seu último livro *Cierpienie i radość (Sofrimento e alegria)*, publicado postumamente, em 1985.

---

\* Professor de Língua e Literatura Polonesa no curso de Letras-Polonês da Universidade Federal do Paraná – Curitiba, Brasil. Email: emaildopiotr@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0803-4291>.

\*\* Mestranda em Letras – ênfase em Estudos Literários na Universidade Federal do Paraná. Professora substituta de Língua e Literatura Polonesas no curso de Letras-Polonês da Universidade Federal do Paraná – Curitiba, Brasil. Email: milenawc@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0592-3122>.

1 O termo *baba* é polissêmico. Entre suas múltiplas possibilidades de significado destacamos uma maneira pejorativa para se referir a mulher. Para ver mais sobre significados do vocábulo no contexto do livro ver: Kilanowski (2022a, p.64-65).

A corporalidade é algo muito abordado nos versos da poeta polonesa, por exemplo na externalização do amor, na maternidade e no sentir-se vivo(a). Com isso, pontuaremos trechos de poemas e sua interpretação. Como afirma Agnieszka Stapkiewicz (2014, p. 29), “o corpo é um dos mais importantes temas da poesia de Anna Świrszczyńska”<sup>2</sup>, tanto que em seu livro a autora dedica um capítulo inteiro a esse tópico.

Notamos a presença direta do tema da corporalidade em cerca de um sexto dos poemas do livro *Poezja (Poesia)*, publicado em 1997 e organizado por Czesław Miłosz, que reúne a seleta de poemas mais completa publicada até agora dessa literata polonesa. Podemos observar o tema em 24 poemas do livro *Jestem baba (Sou uma mulher)* e em um do tomo de estreia da poeta, *Wiersze i proza (Poemas e prosa)*, o que demonstra como esse assunto é relevante ao longo da produção da poeta. Ainda, entre essas publicações passaram-se mais de 30 anos, sendo que no livro de 1972 encontramos uma escritora com mais de sessenta anos e com um estilo de escrita diferente do que usava em sua juventude. Segundo Małgorzata Baranowska (1995, p. 261)

Escrevendo sem parar sucessivos poemas e publicando novos volumes desde os tempos da Guerra e do Levante de Varsóvia, Świrszczyńska sente que a forma atual de sua linguagem poética, bem como a linguagem literária em geral, ainda não refletem a mudança do mundo; essa grande transformação da consciência e grande sofrimento, que fez parte da vivência de várias pessoas. [...] [A] revolução poética de Świrszczyńska começou com [...] o livro *Jestem baba (Sou uma mulher)*. [...] Se não fosse pelo choque da história Świrszczyńska talvez procurasse de um modo totalmente diferente uma linguagem para expressar o sofrimento, a alegria e também o sofrimento e alegria do corpo, ou nem a procurasse.

Essa afirmação se reflete na crescente presença do tema da corporalidade em cada obra da literata polonesa e na seguinte manifestação:

A guerra fez de mim uma pessoa diferente. Foi naquela época que, pela primeira vez, minha poesia foi invadida pela minha própria vida e pelo

---

2 Salvo indicação em contrário, as traduções são de autoria nossa. A tradução dos poemas apresentados ao longo desse trabalho é de autoria de Piotr Kilanowski.

tempo que me cercava. Tive uma dificuldade enorme de expressar as minhas experiências da época da ocupação alemã. A história demandava dos escritores a criação de uma linguagem nova, uma linguagem que correspondesse ao conteúdo. Até hoje tenho nos meus armários incontáveis versões de longos poemas em prosa que testemunham a impotente luta contra esse tema. Escolhi apenas uma pequena parte disso para ser publicada. Tenho uma grande pasta cheia de tentativas fracassadas da descrição de uma execução de rua que testemunhei. O tema foi maior que a minha capacidade. Somente agora, trinta anos depois, ousei escrever um livro de poemas sobre o Levante de Varsóvia. (ŚWIRSZCZYŃSKA, 1997, p. 21)

Para Baranowska (1995, p. 262), a poeta começou a expressar seu sofrimento e felicidade de modo excessivamente direto, partindo demasiadamente do fisiológico e do ponto de vista da mulher. Mesmo em confrontação com a história, sua obra poética se tornou a descoberta do corpo. Dando sequência a esse argumento, a estudiosa cita o poema “Moje ciało musuje” (“Meu corpo efervesce”), do livro de 1972, parte do ciclo “Miłość Felicji” (“O amor de Felicja”):

### **Meu corpo efervesce**

Nasci pela segunda vez.  
Estou leve  
como o cílio do vento.  
Espumo, sou espuma.

Ando dançando,  
se eu quiser, vou me elevar no ar.  
A leveza condensada  
do meu corpo  
condensa-se mais expressamente  
na leveza  
do pé e de seus cinco dedos.  
O pé roça a terra,

que se verga como o ar comprimido.  
A dupla elástica  
da terra e do pé. A dança  
da libertação.

Nasci pela segunda vez,  
a felicidade do mundo  
veio de novo para mim.  
Meu corpo efervesce,  
penso com o corpo que efervesce.

Se eu quiser,  
vou me elevar no ar.  
(ŚWIRSZCZYŃSKA, 1997, p. 214-215)

Baranowska (1995, p. 262) entende que nesses versos “um corpo que vive, sente, sofre, ama e é terno reflete-se em sua [de Świrszczyńska] poesia em uma profunda consciência de cada sensação”.

No poema anteriormente citado observamos o corpo leve que, por possuir tão pouco peso, consegue flutuar como uma espuma. Normalmente é a alma que consegue flutuar quando está leve, sendo o corpo o que a prende no chão. Nesse poema o eu-lírico feminino<sup>3</sup> enfoca o corpo, sentindo e tendo a felicidade a partir dele. Nota-se que o corpo não é um simples receptáculo da alma, mas algo que é vivo e que sente o mundo.

De certa forma isso já está presente no primeiro livro publicado pela poeta, em especial no seguinte poema:

### **A dança da juventude**

Eis a hora terna,  
a hora de um robusto entusiasmo,  
a hora extraordinariamente elástica e sábia.

---

3 No original os verbos no passado indicam que o eu-lírico é feminino, informação que os verbos em língua portuguesa não trazem.

De noite  
quando a água flui baixinho  
como o sangue no corpo,  
quando o ar está poderoso,  
debaixo das estrelas nossa dança brusca arde  
como a incessante  
magnificência.  
(ŚWIRSZCZYŃSKA, 1997, p. 48)

Aqui em especial se observa o corpo num momento extático, talvez numa relação sexual, sendo essa algo natural, extremamente belo e não condenável. A comparação entre o sangue e água não se resume apenas a fluidez que lhes é característica, podendo ser também uma relação que demonstra a sua pureza e sua essencialidade para manutenção da vida.

Do segundo livro poético de Świrszczyńska localizamos o tema no texto que fecha o ciclo “Utwory z lat 1939-1944” (“Poemas de anos 1939-1944”) e que foi extraído da peça *Orfeusz (Orfeu)*, publicada e premiada clandestinamente durante a Segunda Guerra Mundial. Observamos nele o questionamento da arte que vai resultar na busca de um novo estilo após as vivências da Segunda Guerra Mundial:

### **Arte**

Reside em mim a vontade irrefreável de falar brincando. Nada de mal haveria nisso, se não fosse pela vontade irresistível de falar com seriedade que em mim reside. Com a seriedade mortal de um homem que come assado, que denomina o banquinho de banquinho e o osso de osso. Com a seriedade mortal de um homem agonizante que chama vela de vela e esposa de esposa.

Dois espíritos ficam atrás dos meus ombros e falam para mim de trás das minhas costas, como duas bocas de deus Jano.

Uma fala sorrindo:

- A arte é amoral.

E a outra responde:

- O homem é o animal moral.

Uma diz:

- A arte é incuravelmente leve. Tem dez faces.

E a outra:

- As coisas deste mundo são incuravelmente pesadas. Todas têm uma face – a da morte.

E acrescenta:

- Amaldiçoada seja a palavra que brinca, a palavra que foge da responsabilidade, a palavra elusiva.

O que devo dizer a esses dois espíritos?

Felizes daqueles a quem foi dado criar a arte pesada como vida e unívoca como morte.

(ŚWIRSZCZYŃSKA, 1997, p. 93-94)

O eu-lírico tem um comportamento ambíguo: quer se expressar brincando e com seriedade ao mesmo tempo. As intervenções dos dois espíritos trazem certa divisão entre a arte e a realidade, por apresentarem características opostas. Essa situação é refletida por Czesław Miłosz (2012, p. 117) ao analisar a situação de Anna Świrszczyńska e outros poetas que enfrentaram a dificuldade de se encontrar uma fórmula para uma experiência cruel: “Pessoas lançadas em meio a vicissitudes que lhes arrancam da boca um grito de dor têm dificuldade para encontrar a distância que faculta a possibilidade da transmutação artística”. O corpo não consegue se expressar como deseja e a arte precisa de passar por modificações para tentar dar conta da difícil realidade.

Os outros poemas que abordam a corporalidade pertencem ao ciclo “Utwory z lat 1945-1957” (Poemas de anos 1945-1957) e mostram diferentes percepções sobre o corpo. Para Agnieszka Stapkiewicz (2014, p. 29):

A percepção somática do mundo torna o pensamento incapaz de se separar da “carne”. O corpo pode ser uma gaiola, mas também um saco de dormir aconchegante e amigável. Na poesia de Świrszczyńska não há auto adoração narcisista do corpo, ao invés disso aparece a confiança em sua sabedoria. No entanto, acima de tudo está presente uma sensação de incompatibilidade entre corpo e alma [...].

No poema “Pięć dni” (“Cinco dias”) temos: “Por cinco dias e cinco noites jazia embaixo da casa em escombros, preso até a barriga neles. / Perto da sua bochecha sentia à esquerda a borda do sofá virado, à direita a fria bochecha de um cadáver.” (ŚWIRSZCZYŃSKA, 1997, p. 106). A experiência trágica da guerra<sup>4</sup> é apresentada por meio da descrição de uma pessoa soterrada sob os escombros. Frisemos a narração que se centra nas sensações que ela percebe pelo seu corpo, em especial nas partes que trazem à mente a delicadeza e fragilidade: sua barriga e sua bochecha.

Observamos a presença do amor, conceito que intitula o subtópico dos poemas, que comentaremos a seguir. Olhos e lábios possuem papel relevante nos poemas “Śmiertelnie zadziwiona” (“Mortalmente admirada”), “Pocałunek” (“Beijo”), “Oczy” (“Olhos”) e “Wspomnienie” (“A recordação”) nos quais o corpo está em contato com a pessoa amada e esse contato é descrito de modo físico e corporal. Em duas partes do poema “Sześć kobiet” (“Seis mulheres”) podemos ver a figura da mulher observando seu corpo e conversando com ele: “A água na banheira rodeia meu corpo, desenha sua forma, com exatidão de um lápis.” (“parte 1: Ludwika ou o Cúmulo de recato”); “- Isso é prazeroso, justamente por ser indecente. Ser indecente é afirmar sua liberdade” (“parte 4: Amélia ou Uma mulher de caráter”). (ŚWIRSZCZYŃSKA, 1997, p. 116-117). O contato entre as pessoas que se amam torna o corpo o centro de todo o mundo, como exposto em “Chwila miłości” (“O instante do amor”): “Não há o mundo. O meu corpo há de substituir todo esse mundo junto com as estrelas. Isso deveria aterrorizar, mas nesse instante parece natural” (ŚWIRSZCZYŃSKA, 1997, p. 118).

Do volume *Czarne słowa (As palavras negras)* encontramos poemas que relacionam o corpo com a vida cotidiana, com a natureza e com as sensações. Por exemplo em “Pieśń kobiet o manioku” (“O canto das mulheres sobre a mandioca”) a trituração da mandioca é uma atividade que envolve todo o corpo da mulher e sua existência:

### **O canto das mulheres sobre a mandioca**

Desde manhã até de noite  
nós, as mulheres, trituramos a mandioca para farinha.

---

4 O poema está inserido no subciclo “Wojna” (“Guerra”).

Nossas mãos trituram mandioca,  
nossas barrigas trituram mandioca,  
nossas cabeças trituram mandioca.

Nossas sombras trituram mandioca,  
nossos espíritos, depois da morte, trituram mandioca.

Por que nós, mulheres, mesmo depois da morte precisamos triturar  
mandioca para farinha?

(ŚWIRSZCZYŃSKA, 1997, p. 121)

Em sentido estrito, a mandioca é triturada apenas com o uso das mãos, mas a ação repetida apossa-se do corpo inteiro e, uma vez que o envolve, torna-se o assunto central da existência da mulher, na sua função de nutridora, transformando-se numa obsessão da mente e fazendo com que até as almas repitam a queixa contra a pesada e entediante rotina (“Por que nós, mulheres, mesmo depois da morte precisamos triturar mandioca para farinha?” – ŚWIRSZCZYŃSKA, 1997, p. 121).

O parto descrito no poema “Mówi czarna kobieta” (“Fala a mulher negra”) mostra que esse ocorre em contato direto com a natureza (“Deito em cima da terra. / Olho para o céu.” – ŚWIRSZCZYŃSKA, em: KILANOWSKI, 2020, p. 133) e envolve dor, pois o eu-lírico feminino grita até que o nascimento ocorra.

Assim como em “O canto das mulheres sobre a mandioca”, a barriga aparece em associação a ter comida também no poema “Modlitwa starego człowieka” (“A oração de um homem velho”), uma oração direcionada à lua e não a Deus. Importante ressaltar que nesse livro a autora utilizou elementos africanos, como mencionou Bartosz Małczyński (2020, p. 13):

[em *Czarne słowa*] a autora recorreu ao folclore africano, para apresentar na poética das “estilizações negras” as relações entre homens e mulheres, esposos e esposas (incluindo entre elas o antes mencionado problema do alcoolismo), complicadas e cheias de violência unilateral, bem como descrever os profundos dilemas relacionados com a maternidade.



A utilização de referências africanas, talvez em relação a algum culto xamânico ou história de reencarnação, talvez numa metáfora de relações familiares repletas de violência, pode ser vislumbrada no poema “Zabiłem ojca mojego szakala” (“Matei meu pai, o chagal”) em que o corpo é devorado pelo pai para então reviver através da intercessão da mãe.

### **Matei meu pai, o chagal**

Minha mãe é bruxa,  
meu pai é chagal.  
Minha mãe me pariu  
meu pai me devorou.

Minha mãe juntou meus ossos,  
minha mãe contou meus ossos.

Contava meus ossos,  
cantava.  
Contava meus ossos,  
dançava.

Contava meus ossos,  
contava meus ossos,  
até eu reviver.  
E eu revivi e matei meu pai, o chagal.

A mãe dançava.  
(ŚWIRSZCZYŃSKA, 1997, p. 128-129)

No poema “Taniec miłości” (“A dança do amor”), do livro de 1967, encontramos o corpo feminino em contato com um homem, havendo destaque para a barriga, presente no primeiro e último verso do poema: “Na minha barriga está a felicidade.” (ŚWIRSZCZYŃSKA, 1997, p. 131). Nesse contato no início

os cabelos “riem” e depois, quando o homem está presente, “gritam”, podendo expressar assim medo, dor, excitação ou êxtase.

Daqui em diante comentaremos sobre os últimos cinco livros poéticos da autora. Agnieszka Stapkiewicz (2014, p. 29) comenta que

Os poemas dos cinco últimos tomos poéticos [...] trazem exemplos de pelo menos algumas formas diferenciadas de se falar sobre o corpo. Até a quantidade de poemas com a imagem do corpo mostra que essa é uma das questões mais importantes dessa poesia.

Tanto que a maioria dos poemas em que localizamos o tema da corporalidade foi publicada nesses tomos poéticos da autora.

O sofrimento sentido pelo corpo é bastante presente nos poemas observados do livro *Wiatr* (*O vento*), no qual um dos ciclos é intitulado “Cierpienie” (“Sofrimento”). Desse ciclo, temos o poema “Teatr jednego widza” (“O teatro de um espectador”) que expõe o problema do alcoolismo. O uso do álcool não cessa o sofrimento do homem que se embebedou com vodca, podendo ainda aumentá-lo visto que “e a entrada tem um preço absurdo” (ŚWIRSZCZYŃSKA, 1997, p. 145). A poeta se deteve muito sobre o tema do alcoolismo. Segundo Agnieszka Stapkiewicz (2014, p. 6)

O alcoolismo, percebido como “grave desastre social”, é o tema principal de várias declarações da poeta, de 1946 a 1981, ou seja, por toda sua vida. Świrszczyńska publicou dezenas de artigos e cartas, sendo eles fervorosas convocações para a luta contra o alcoolismo.

No ciclo “Matka i córka” (“Mãe e filha”) se observa que a maternidade, em especial o momento do parto, é algo doloroso: “Quando minha mãe me paria, / [...] Ambas sofríamos” (“Ona i ja”/“Ela e eu” – ŚWIRSZCZYŃSKA, 1997, p. 151); “Pari a vida. / Saiu gritando das minhas entranhas / e exige de mim o sacrifício da minha vida” (“Macierzyństwo”/ “Maternidade) ŚWIRSZCZYŃSKA, 1997, p. 153); “Dei à minha filha o corpo e o sangue, a tortura de parir / [...] Dei milhares de dias e milhares de noites,” (“Patriarchat”/“Patriarcado” - ŚWIRSZCZYŃSKA, 1997, p. 156). Cabe destacar neste contexto o poema “Narodziny człowieka” (“O nascimento do ser humano”)

que descreve os sofrimentos do parto numa espécie de quadríptico quase dantesco. A primeira das partes, “Przedpiekle” (Anteinferno), descreve a sala da espera para o parto; a segunda, “Piekło” (Inferno), as vinte horas na sala do parto; a terceira, “Przed cesarskim cięciem” (Antes da cesárea), mostra a fragilidade da mulher no processo hostil e desumanizado; e a parte final, “Cesarskie cięcie” (Cesárea), narra o processo traumático do nascimento. (KILANOWSKI, 2022a, p. 61)

No entanto, apesar da dor é uma relação que pode ser repleta de ternura e proximidade que, curiosamente, estão mais presentes nas horas antes do nascimento e depois da morte: “[...] abraçava firmemente a minha mãe morta. // [...] Os nossos dois corpos, duas névoas / se atravessavam num bem-estar / como antes do nascimento.” (“Sen”/“Sonho” – ŚWIRSZCZYŃSKA, 1997, p. 150).

Nos poemas apercebidos do ciclo “Groteski” (“Grotescas”) identificamos diálogos entre corpo e alma. Agnieszka Stapkiewicz (2004, p. 34) frisa “que a alma nessa poesia aparece surpreendentemente de forma rara – como se Świrszczyńska, uma agnóstica declarada, evitasse a palavra e a imagem que rememora a escatologia cristã”. Assim, em “Ja i moja własna osoba” (“Eu e a minha própria pessoa”) pode-se entender que “minha própria pessoa” se refere à alma, pois é algo diferente ao corpo, como se verifica na primeira estrofe:

### **Eu e a minha própria pessoa**

Há momentos  
quando sinto mais nitidamente que sempre,  
que *estou na companhia*  
*de minha própria pessoa.*  
Isso me fortalece e confirma,  
isso me dá alento,  
assim *como a meu corpo tridimensional*  
*dá sua própria, autêntica sombra.*

Há momentos  
quando realmente sinto mais nitidamente que sempre

que estou na companhia  
da minha própria pessoa.

Me detenho  
na esquina da rua para virar para esquerda  
e penso o que será  
se a minha própria pessoa  
virar à direita.

Até agora  
isso nunca aconteceu,  
mas esse fato não indica absolutamente nada.  
(ŚWIRSZCZYŃSKA, 1997, p. 160-161, destaques nossos)

Mesmo que o eu-lírico espere encontrar a alma fora do corpo, isso não aconteceu até o momento. Essa falta de encontro não significa necessariamente que a alma seria distinta e separada ao corpo. Pode-se apenas afirmar que alma e corpo não podem ser separados.

Em “Kłopoty z duszą w czasie porannej gimnastyki” (“Problemas com a alma durante a ginástica matutina”) a alma tem a cabeça como seu lugar devido, sendo desconfortável quando fica nas pernas ou de ponta-cabeça. Com isso, nota-se que o corpo é uma espécie de recipiente para alma e pode agir além das suas vontades, visto que se movimenta de forma incômoda para ela, havendo uma supremacia do corpo sobre os interesses da alma. Ainda, como menciona Agnieszka Stapkiewicz (2004, p. 33)

A alma do poema de Świrszczyńska não dá a impressão de não saber que está errante, e sim o contrário: essa errância a incomoda [...]. Cabe destacar que a “animula” de Świrszczyńska duvida e vaga em algum lugar nos recônditos do corpo e não em espaços escatológicos.

Isso também está presente no poema “Grube jelito” (“Intestino grosso”), do livro publicado em 1972, em especial nos seguintes versos da segunda estrofe: “Barriga, será que estou na barriga? Nos intestinos? / No côncavo do sexo? No dedo do pé? / Parece que no cérebro. Não o vejo. / Tira meu cérebro do crânio. Tenho direito / de me ver.

Não ria.” (ŚWIRSZCZYŃSKA, 1997, p. 222). Uma análise deste poema no contexto da meditação sobre a identidade do eu que entra em conflito com a corporeidade pode ser encontrada no ensaio de Piotr Kilanowski (2022b).

Voltando ao livro *Wiatr (O vento)*, do ciclo “Ekstazy” (“Êxtases”) temos o poema “Szczęście” (“A felicidade”), no qual esse estado de espírito transparece pelo corpo, isso porque os cabelos e a pele estão felizes, respira-se a felicidade e a morte é o fluir do tempo e abandono do corpo. Essa configuração da morte também aparece em “Pieśń pełni” (“O canto da plenitude”) em especial nos trechos abaixo destacados:

### **O canto da plenitude**

Plenitude, oh que plenitude.  
Força, oh que força.  
Estou plena, como se fosse uma estrela grávida,  
estou forte, como se pudesse existir sozinha,  
a única no cosmo.

Do sofrimento saiu a alegria,  
sofri, por isso tenho direito de existir de modo tão forte.  
Passei pelo inferno, por isso hoje ingresso  
no céu de bom tempo,  
no esférico céu do tempo forte,  
*o tempo que se magnifica,*  
*o poder que se magnifica,*  
*como se entrasse no meio do som do órgão,*  
como no meio do dilúvio da luz que se dilata,  
entro no meio da luz duradoura.

Essa luz canta,  
eu canto,  
sou uma do milhão de vozes,  
um do milhão de raios,

brilho. A situação  
indecentemente mística,  
não posso fazer nada, falo como as coisas estão.

*A luz emana do meu corpo,  
da cabeça, do peito duplo,  
dos dez dedos das mãos,  
dos dedos dos pés,  
emana a luz.*

*Despejo-me,  
Desvaneço, espalho,  
a pele desaparece,  
me misturo a tudo aquilo que não é eu,  
me derreto no todo.*

*Dissolvida no todo  
não existo,  
quer dizer existo de um modo infelizmente  
poderoso.*

Isso deve ser a morte e a imortalidade,  
isso parece ser o nirvana.  
Desculpem a palavra, mas isso realmente é  
ele.

(ŚWIRSZCZYŃSKA, 1997, p. 179-180, destaques nossos)

No ciclo “Jestem baba” (“Sou uma mulher”), do livro homônimo, há muito destaque para a mulher. Em “Chłopka” (“Camponesa”) o corpo se admira que, diante de tantos esforços feitos pela camponesa, não sofreu grandes comprometimentos. A própria camponesa não tem a mesma reação que o corpo, pois continuará a exercer as atividades que são exigidas das mulheres através dos tempos.

Em “Jej brzuch” (“Sua barriga”<sup>5</sup>) a mulher que gerou cinco filhos foi abandonada por eles e só lhe sobrou a forma da barriga da mãe como testemunha da existência deles. A barriga gorda, que comumente não é considerada atraente, é descrita como “linda” no último verso do poema. Tira-se daqui a conclusão que o importante não é a forma do corpo, mas sua existência e suas ações ao longo do tempo.

A mortalidade e imortalidade são ligadas ao nascimento e prole nos poemas “Niesmiertelna” (“A imortal”) e “Śmierć” (“Morte”). A crítica ao atendimento médico ginecológico que interfere no momento do parto está presente no poema “Zwykły poród” (“Parto normal”) e a descrição que torna a mulher subjugada e comparada a animais é o que se apresenta em “Jak padlina” (“Como uma carniça”), podendo se vislumbrar aqui a violência obstetrícia e a diferença de atendimento prestado às mulheres na área médica.

Uma vez que o espaço do presente ensaio é limitado, mencionemos apenas dois poemas importantes para o tema que foram amplamente comentados nos artigos de Piotr Kilanowski (2022) e Pâmela Nogarotto (2022): “Kobieta rozmawia ze swoim udem” (“Uma mulher conversa com sua coxa”) e “Co to jest szyszynka” (“O que é glândula pineal”).

A gravidez é o foco do poema “Trzy ciała” (“Três corpos”), sendo que os movimentos da criança na barriga podem ser sentidos pelo pai e pela mãe. Mas apenas a mãe terá a experiência física do parto.

O questionamento sobre viver no próprio corpo está presente no poema “Na nowo” (“De novo”), visto que o eu-lírico feminino expressa na primeira estrofe que quer abandoná-lo e na estrofe seguinte menciona desejar ser “um ser diferente” (ŚWIRSZCZYŃSKA, 1997, p. 212).

O corpo envolvido numa relação amorosa está presente em “Kochanków dzieli miłość” (“O amor separa os amantes”), “Zgrzebło z żelaza”<sup>6</sup> (“Almofaça de ferro”), “Najmłodsze dzieci anioła” (“Os filhos mais novos de um anjo”), “Migocą wnętrzości” (“Cintilam as entranhas”), “Pierwszy madrygał” (“O primeiro madrigal”), “Jeż z żelaza” (“O ouriço de ferro”), “Z dna oceanu” (“Do fundo do oceano”), “Jak osesek” (“Como uma criança de peito”), “Głową w dół” (“De cabeça para baixo”) e “Kłódka” (“O cadeado”) nos quais se descrevem os prazeres e sofrimentos sentidos nos encontros e desencontros dos corpos das pessoas que se amam.

---

5 O poema completo pode ser encontrado em Kilanowski (2020, p. 133).

6 O poema e sua tradução podem ser consultados em Kilanowski (2020, p. 134).

No poema “Genialne ciało jogi” (“O corpo genial de um iogue”) temos um eu-lírico que chama o corpo de obtuso, que não é passível de adestramento e que será deixado aos cuidados do interlocutor do poema. De certa forma se vê aqui o reconhecimento do caráter animal do corpo que nem sempre pode ser moldado para se alcançar “o corpo genial de um iogui.” (ŚWIRSZCZYŃSKA, 1997, p. 238).

O último poema que comentaremos do livro de 1972 é “Tęsknię” (“Sinto saudade”) em que entranhas, garganta, cabelo e pele sentem a saudade, algo um tanto incomum, visto que comumente se pensa que essa sensação é ligada à mente e ao coração. Nesse poema há a luz presente na cabeça, que sente mais saudade, podendo se pensar que essa luz pode ser a alma, por ser imortal e por não perecer com(o) o corpo.

O livro *Budowałam barykadę* (*Eu construía a barricada*) é assim mencionado por Piotr Kilanowski (2017, p.7)

Os poemas são curtos, descrições aparentemente objetivas, como que eufráticas. A autora, filha de um pintor, antes da guerra escrevia poemas que descreviam obras plásticas. Nesses poemas-quadros vemos os seres humanos que a guerra transforma em objetos, em carne que sofre, em corpos. Corpos movimentados pelo medo, pelas ordens, pelos mitos, pela guerra. Corpos mortos e corpos que matam. O excesso de humanidade que não permite “Atirar nos olhos de um homem” é, de imediato, punida com a redução ao estado de objeto – a morte.

É muito presente o ponto de vista da mulher<sup>7</sup> sendo representadas mulheres comuns que se envolvem no conflito, o Levante de Varsóvia, e cuidam de outros corpos (os de seus filhos e de soldados feridos). Na “Parte I” notamos o soldado diante do inimigo que menciona que mesmo sendo atingido pela bala, não morrerá, por seu ideal e sua motivação se perpetuarem mesmo com o fim da vida desse corpo (poema “Mówi

---

7 Sobre isso sugere-se a leitura dos artigos: AMARANTE, Dirce Waltrick do. Tradutores como atores e mágicos. *Revista X*, [S.l.], v. 15, n. 6, p. 619-626, dez. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/76788/42232>. Acesso em: 24 jul. 2021. E

KILANOWSKI, Piotr. As barricadas de Anna Świrszczyńska. *Suplemento Pernambuco*, Recife, p. 20 - 21, 03 jul. 2017. Disponível em: <http://www.suplementopernambuco.com.br/in%C3%A9ditos/1900-as-barricadas-de-anna-%C5%9Bwirszczy%C5%84ska.html>. Acesso em: 10 ago. 2020.



żołnierz”/“Fala o soldado” – ŚWIRSZCZYŃSKA, 2017, p. 16-17)<sup>8</sup>. Há também corpos que morrem e sofrem pela guerra em poemas como: “Studnia” (“Poço”); “Łączniczka” (“A mensageira”); “Myśleli, że umarłam” (“Pensaram que morri”); “Dziewczyny z noszami” (“Garotas com macas”); “Po nalocie” (“Depois do bombardeio”); “Po pijanemu” (“Bêbado”) e “Zwycięstwo” (“Vitória”).

Na “Parte II” pode-se ver a rotina dentro do hospital durante os combates e as pessoas feridas são descritas pelos seus corpos, já que são “bocas e os olhos que gritavam” (“Szpital”/“Hospital” – ŚWIRSZCZYŃSKA, 2017, p. 86-87); “pus, sangue e fezes” (“Nosilał baseny”/“Carregava comadres” – ŚWIRSZCZYŃSKA, 2017, p. 90-91); “vinte barrigas de soldados. / Dilaceradas, ensanguentadas,” (“Dwudziestu moich synów”/“Os vinte filhos meus” – ŚWIRSZCZYŃSKA, 2017, p. 92-93).

Ainda nessa parte há a movimentação das pessoas sob tiroteio: uma pessoa tenta salvar um quadro (“Wspaniały obraz”/“O quadro magnífico” – ŚWIRSZCZYŃSKA, 2017, p. 128-129) sendo descrita essa ação pelos sapatos e mãos; o inimigo tem seu medo expressado nos olhos e seu corpo será enterrado por um insurgente (“Zakopuję ciało wroga”/“Enterro o corpo do inimigo” – ŚWIRSZCZYŃSKA, 2017, p. 130-131); exige-se poupar a munição e não soldados, cujos corpos podem compor as barricadas (“Kule trzeba oszczędzać”/“Temos que poupar as balas” – ŚWIRSZCZYŃSKA, 2017, p. 142-143) e o desespero é evidenciado pelo gesto de uma mão (“Rozpacz”/“O desespero” – ŚWIRSZCZYŃSKA, 2017, p. 144-145).

A “Parte III” descreve os momentos finais da revolta. Prédios, mulheres, homens e crianças gritam por causa dos horrores que vivenciam (“Piekło”/“Inferno” – ŚWIRSZCZYŃSKA, 2017, p. 146-147); braços choram (“Szlochające ramiona”/“Os braços que choram” – ŚWIRSZCZYŃSKA, 2017, p. 164-165); sangue e pus fedem, olhos não dormem, pernas se arrastam (“To już koniec”/“É o fim” – ŚWIRSZCZYŃSKA, 2017, p. 176-177); os comandados pelo tenente, que foram mortos, são apenas corpos que ele carrega na sua mente e tornam seu caminhar mais lento (“Rozmowa z matkami”/“A conversa com as mães” – ŚWIRSZCZYŃSKA, 2017, p. 184-185); a cidade

---

8 A questão sobre o inimigo foi abordada por WOITOVICZ CARDOSO, Milena. “É duro morrer, é duro matar”: A imagem do inimigo em poemas selecionados de Anna Świrszczyńska. *Qorpus*, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 138-149, mar. 2022. Disponível em: <https://qorpuspget.paginas.ufsc.br/files/2022/03/Qorpus-v12-n1-Milena-Woitovicz-Cardoso.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2022.

destruída é comparada a um corpo (“Jak krew z tętnic”/“Como o sangue das artérias” – ŚWIRSZCZYŃSKA, 2017, p. 198-199) e em seus escombros se destacam sangue, corpos e objetos (“Martwa natura”/“A natureza morta” – ŚWIRSZCZYŃSKA, 2017, p. 202-203).

No livro *Szczęśliwa jak psi ogon* (*Feliz como rabo de cachorro*) os calcanhares discutem com a alma, diante do que se percebe que cada parte do corpo tem sua importância (“Moje pięty i Sokrates”/“Meus calcanhares e Sócrates” – ŚWIRSZCZYŃSKA, 1997, p. 304); o corpo humano se aproxima da postura de um animal quadrúpede e está em contato direto com a terra (“Stoję na czworakach”/“Fico de quatro” – ŚWIRSZCZYŃSKA, 1997, p. 304-305); as pernas se multiplicam quando se corre (“Mam dziesięć nóg”/“Tenho dez pernas” – ŚWIRSZCZYŃSKA, 1997, p. 306); o cantar faz o corpo se encher de êxtase e se engorda com a “gordura da existência” (“Grubieję z rozkoszy”/“Engordo de êxtase” – ŚWIRSZCZYŃSKA, 1997, p. 306-307); o respirar faz a pessoa se tornar o ar (“Oddycham”/“Respiro” – ŚWIRSZCZYŃSKA, 1997, p. 310).

No ciclo “Jestem tępa” (“Sou obtusa”) há um poema em que o eu-lírico conversa com seu próprio corpo, chamando-o de carniça, e não é respondido. Toda essa conversa ocorre em frente ao espelho e de certa maneira permite entender que há a consciência de que o corpo é perecível tal qual a vida (“Mówię do siebie: ty ścierwo”/“Falo para mim mesma: sua carniça” – ŚWIRSZCZYŃSKA, 1997, p. 314).

Desse mesmo ciclo destaquemos “Zostanę babką klozetową” (“Vou ser zeladora do banheiro” – ŚWIRSZCZYŃSKA, 1997, p. 315), no qual o eu lírico feminino indica que escreverá poemas sobre a corporalidade, aprenderá com a bexiga e intestinos que são mais sábios que ela, sendo esses órgãos irmãos da alma. Novamente vemos como o corpo é evidenciado e tem relação próxima com a alma, não havendo uma supremacia dessa.

No poema homônimo do título do ciclo percebe-se que a falta de inteligência, a rudeza do eu lírico, é relacionada com o corpo, pois fede igual a pele sem higiene, igual a um animal e essa obtusidade é que permite o eu-lírico viver, visto que ela o nutre (“Jestem tępa”/“Sou obtusa” – ŚWIRSZCZYŃSKA, 1997, p. 322).

O último poema desse ciclo traz uma necessidade de reorganização do corpo. É preciso que ele seja útil ao eu-lírico, mas isso pode ser seu fim devido à desejada condensação do corpo (“Wiersz makabryczny”/“O poema macabro” – ŚWIRSZCZYŃSKA, 1997, p. 322-323).

Em outro ciclo desse livro, o “Wiersza niesamowite” (“Poemas surpreendentes”) o corpo está envolvido em relação amorosa, sendo ele limitado pela pele e por essa se realiza o contato (“Randka”/“Um encontro” – ŚWIRSZCZYŃSKA, 1997, p. 327) e em “Zaloty” (“Corte”) os órgãos envolvidos na relação sexual são lugares difíceis de se desbravar como o himalaia e a antártida (ŚWIRSZCZYŃSKA, 1997, p. 331).

No último ciclo desse livro, “Walka na śmierć i życie” (“Matar ou morrer”) existe uma espécie de poema biográfico da poeta e cada etapa de vida tem o corpo ressaltado: é o dedo quando criança, a cabeça na adolescência, o pular pelos telhados, piolhos no corpo durante a Segunda Guerra Mundial, a fome depois da guerra e a violência obstétrica no parto de sua filha (“Biłam głową o ścianę”/“Bato com a cabeça na parede” – ŚWIRSZCZYŃSKA, 1997, p. 333-334). As 3 vezes que o raio a matou podem ser os falecimentos de sua mãe (1958), seu pai (1973) e de Józef Oleszczuk (1975), com quem teve relacionamento amoroso e a quem o livro foi dedicado (MAŁCZYŃSKI, 2020, p. 15, 31, 33).

Considerando o impacto da morte de Józef Oleszczuk na vida da poeta, é possível interpretar o poema “Będziemy się dusić za gardło” (“Vamos nos esganar pelos pescoços”) como uma espécie de lembrança dos passeios que eles faziam em florestas e montanhas e descrição das formas da poeta enfrentar o sofrimento – cantar, fazer sexo. O esganar talvez seria o desejo de se manter próxima do amado até a morte de um dos dois (ŚWIRSZCZYŃSKA, 1997, p. 342).

No livro publicado postumamente há 6 ciclos, sendo que notamos a corporalidade em poemas dos ciclos “Wiersze o ojcu i matce” (“Poemas sobre o pai e a mãe”), “Wiersze różne” (“Poemas variados”), “Wiersze jasne” (“Poemas luminosos”) e “Wiersz ostatni” (“O último poema”).

Ao comentar o poema “Piorę koszulę” (“Lavo a camisa”), pertencente ao primeiro ciclo citado, Piotr Kilanowski (2022a, p. 53-54) menciona

Podemos observar no poema o entrelaçamento da vida e da morte, do corpo e da alma, tão típicos a toda a obra da poeta. A vida está para sempre ligada com a corporalidade e, portanto, com a sujeira. O processo de lavar, na continuação da vida, destrói os últimos rastros da vida que passou e pode ser equiparado à morte. A ligação animal, somática, entre pais e filhos, sublinhada pelo cheiro de suor, está sendo destruída no ato de lavar. Sobrevive, no entanto, a obra.

A memória do pai não precisa mais da sua roupa com seu cheiro para ser preservada, pois o eu-lírico lava a camisa, como sempre fazia com as roupas, e diz que os quadros pintados pelo pai permanecem como registro de sua presença.

No poema “Do tego co najważniejsze” (“Até aquilo o que é o mais importante”) do ciclo “Wiersze różne” (“Poemas variados”) o eu-lírico se volta para o seu próprio corpo para alcançar o que é mais importante, que não é possível através das sensações corpóreas, podendo ser algo mais metafísico (ŚWIRSZCZYŃSKA, 1997, p. 364).

No poema do mesmo ciclo, “Dwieście osiemdziesiąt stopni mrozu” (“Duzentos e oitenta graus de frio”), nota-se que o próprio corpo se basta, permite viagens metafísicas como se percebe nos versos “florescem em mim paraísos / de todas as religiões do mundo. / Glórias, asas, voos / ascendentes.” (ŚWIRSZCZYŃSKA, 1997, p. 368).

A luz é algo destacado no poema “Jak Egipcjanin” (“Como um egípcio”) do ciclo “Poemas luminosos”. A pureza do eu-lírico feminino corresponde à luz que preenche seu corpo, no lugar das inexistentes entranhas como em uma múmia egípcia (ŚWIRSZCZYŃSKA, 1997, p. 373).

Dialogar com o corpo é um tema já apontado nesse ensaio que também é perceptível nos poemas “Dusza i ciało na plaży” (“Alma e corpo na praia”) e “Mówię do swego ciała” (“Falo para o meu corpo”). No primeiro, o corpo não se perturba ou se digna a responder as perguntas feitas pela alma. O corpo continua sua ação e se preocupa apenas com o seu bronzeamento. Disso é possível entender que o eu-lírico questiona seu corpo e esse não mantém o diálogo proposto (ŚWIRSZCZYŃSKA, 1997, p. 376). Essa conversa é semelhante no segundo poema, sendo que o eu-lírico entende que o corpo é um animal e que a interação entre corpo e mente/alma pode proporcionar futuros maravilhosos (ŚWIRSZCZYŃSKA, 1997, p. 382).

O último poema escrito pela poeta merece ser reproduzido aqui para então ser discutido:

### **Amanhã vão me cortar**

Ela veio e ficou ao meu lado.

Eu disse: Estou pronta.

Estou internada numa clínica cirúrgica em Cracóvia,  
amanhã  
vão me cortar.

Tem muita força em mim. Posso viver,  
posso correr, dançar e cantar.  
Tudo isso está dentro de mim, mas se for preciso,  
partirei.

Hoje  
faço as contas da minha vida.  
Fui pecadora,  
bati com a cabeça no chão,  
pedi perdão  
para a terra e para o céu.

Fui bela e feiosa,  
sábua e estúpida,  
muito feliz e muito infeliz,  
muitas vezes tive asas  
e nadei no céu.

Trilhei mil sendas no sol e na neve  
dancei com um amigo sob as estrelas.  
Vi amor  
em muitos olhos humanos.  
Com enlevo comia  
minha fatia de felicidade.

Agora estou internada numa clínica cirúrgica em Cracóvia,  
ela está ao meu lado.  
Amanhã

vão me cortar.

Atrás da janela, as árvores de maio belas como a vida,  
e em mim há humildade, medo e tranquilidade.

(ŚWIRSZCZYŃSKA, 1997, p. 394-395, Tradução de Piotr Kilanowski - 2022a, p. 73-74).

O tratamento médico é descrito como um corte e não uma cirurgia, mostrando o quanto o corpo é apenas um objeto, talvez um simples animal cujas sensações não devem ser motivo de preocupações. A alma do eu-lírico sente-se forte e está inserida no corpo, podendo partir quando esse encontrar seu fim. O eu-lírico feminino faz um balanço de sua vida e ressalta ter passado pelo amor e felicidade. A proximidade com a morte traz medo e, ainda assim, tranquilidade, pois se tem consciência da finitude do corpo graças à humildade adquirida. Mesmo havendo sua morte, a vida se perpetua de outra forma na natureza.

Por fim, nesse breve apanhado é permitido entender que o corpo na obra poética de Anna Świrszczyńska possui diferentes matizes: é um animal, é um instrumento pelo qual se percebe o mundo, é o meio por qual se ama e encontra êxtase, é sofrimento, é a maternidade, é a evidência de se estar vivo(a).

## THE PRESENCE OF THE BODY IN ANNA ŚWIRSZCZYŃSKA POETICAL WORK

### ABSTRACT

This essay aims to present comments on the question of the body in the poems written by Polish writer Anna Świrszczyńska (1909-1984). Throughout her writings it is possible to see the different facets of the corporeality, such as: the externalization of love, motherhood and feeling alive. For that, excerpts from her poems and interpretation based on critical texts about the work of the aforementioned literate will be highlighted.

**KEYWORDS:** Anna Świrszczyńska. Polish poetry. Body.

---

RESUMEN

Este ensayo tiene como objetivo presentar comentarios sobre la cuestión del cuerpo en los poemas escritos por la escritora polaca Anna Świrszczyńska (1909-1984). A lo largo de sus escritos es posible ver las diferentes facetas de la corporalidad, tales como: la exteriorización del amor, la maternidad y el sentimiento de vida. Para ello, se destacarán extractos de sus poemas e interpretaciones basadas en textos críticos sobre la obra de la literata mencionada.

PALABRAS CLAVE: Anna Świrszczyńska. Poesía polaca. Cuerpo.

---

REFERÊNCIAS

BARANOWSKA, Małgorzata. Szymborska i Świrszczyńska: dwa bieguny codzienności. *Teksty Drugie: teoria literatury, krytyka, interpretacja*, Varsóvia, n. 3-4 (33-34), p. 256-263, 1995. Disponível em: [https://rcin.org.pl/ibl/Content/67787/PDF/WA248\\_73296\\_P-I-2524\\_baranowska-szybor\\_o.pdf](https://rcin.org.pl/ibl/Content/67787/PDF/WA248_73296_P-I-2524_baranowska-szybor_o.pdf). Acesso em: 14 abr. 2022.

KILANOWSKI, Piotr. A poesia contra os mitos. Notas sobre Anna Świrszczyńska. *Qorpus*, Florianópolis, v. 25, p. 1, 2017. Disponível em: <https://qorpus.paginas.ufsc.br/como-e-edicao-n-25/notas-sobre-anna-swirszczyńska-e-a-poesia-contra-os-mitos-piotr-kilanowski/>. Acesso em: 10 ago. 2020.

KILANOWSKI, Piotr. Coragem - os poemas femininos de Anna Świrszczyńska. *Qorpus*, Florianópolis, v. 10, n. 1, mar. 2020. p. 130-136. Disponível em: [https://qorpuspget.paginas.ufsc.br/files/2020/03/TRADU%C3%87%C3%83O3\\_Piotr-Kilanowski\\_p%C3%A1ginas\\_130-136.pdf](https://qorpuspget.paginas.ufsc.br/files/2020/03/TRADU%C3%87%C3%83O3_Piotr-Kilanowski_p%C3%A1ginas_130-136.pdf). Acesso em: 10 ago. 2020.

KILANOWSKI, Piotr. As revoluções de Anna Świrszczyńska. *Revista Letras*, [S.l.], v. 106, n. 1, jul./dez. 2022a, p. 50-77. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/90442/48968>. Acesso em: 08 jun. 2023.

KILANOWSKI, Piotr. “Onde estou eu mesma?”: Corpo e mente diante dos espelhos poéticos de Paulo Leminski, Cecília Meireles, Zbigniew Herbert, Anna Świrszczyńska e Aleksander Wat. In: DROZDOWSKA-BROERING, Izabela, MARKENDORF, Márcio, OLIVEIRA, Geovana Quinalha de (org.). *Memórias do corpo: Apagamentos*. Florianópolis: UFSC, 2022b. p. 151-171.

MAŁCZYŃSKI, Bartosz. *Wierszem zbawić ludzkość: Poezja Anny Świrszczyńskiej*. Cracóvia: Instytut Literatury, 2020.

MIŁOSZ, Czesław. *Jakiegoż to gościa mieliśmy: O Annie Świrszczyńskiej*. Cracóvia: Znak, 1996.

MIŁOSZ, Czesław. *O testemunho da poesia: Seis conferências sobre as aflições de nosso século*. Tradução, introdução e notas de Marcelo Paiva de Souza. Curitiba: Ed. UFPR, 2012.

NOGAROTTO, Pâmela. A somatização poética em Anna Świrszczyńska. *Qorpus*, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 106-124, mar. 2022. Disponível em: <https://qorpuspget.paginas.ufsc.br/files/2022/03/Qorpus-v12-n1-P%C3%A2mela-Nogarotto.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2022.

STAPKIEWICZ, Agnieszka. *Ciało, kobiecość i śmiech w poezji Anny Świrszczyńskiej*. Kraków: Universitas, 2014. Arquivo em pdf

ŚWIRSZCZYŃSKA, Anna. *Poezja*. Seleção e prefácio de Czesław Miłosz. Varsóvia: Państwowy Instytut Wydawniczy, 1997. (Kolekcja Poezji Polskiej XX wieku).

ŚWIRSZCZYŃSKA, Anna. *Eu construía a barricada*. (Budowalam barykadę). Curitiba: Dybbuk, 2017.

WOITOVICZ CARDOSO, Milena. “É duro morrer, é duro matar”: A imagem do inimigo em poemas selecionados de Anna Świrszczyńska. *Qorpus*, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 138-149, mar. 2022. Disponível em: <https://qorpuspget.paginas.ufsc.br/files/2022/03/Qorpus-v12-n1-Milena-Woitovicz-Cardoso.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2022.

---

Submetido em 02 de setembro de 2023

Aprovado em 02 de dezembro de 2023

Publicado em 30 de maio de 2024

---